



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

TERRITÓRIO, PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E CONFLITO

Saberes e Práticas Tradicionais – A Territorialidade no Plantio e Reprodução das Sementes Crioulas

Cleusi T. Bobato Stadler¹

Resumo. As comunidades tradicionais são as guardiãs da agrobiodiversidade – das sementes crioulas. O principal objetivo deste texto é compreender o modo de vida e técnicas produtivas de guardiões de sementes onde os fenômenos, agrobiodiversidade, saberes, práticas, memórias, cultivo das sementes se manifestam em um território como (f)atores capazes de produzir efeitos e combinações que impactam diretamente as relações entre indivíduos, coletivos e territórios. Através das sementes crioulas, é engendrada uma ecologia de saberes e práticas socioterritoriais, possibilitando às comunidades agenciar suas identidades em redes de sujeitos que buscam construir estratégias de reprodução socioterritoriais alternativas ao desenvolvimento rural.

Palavras-chave: Agrobiodiversidade; Sementes Crioulas; Territorialidades.

Abstract: Traditional communities are the guardians of agrobiodiversity – of creole seeds. The main objective of this text is to understand the way of life and productive techniques of seed guardians where phenomena, agrobiodiversity, knowledge, practices, memories, seed cultivation manifest themselves in a territory as (f)actors capable of producing effects and combinations that directly impact relationships between individuals, collectives and territories. Through creole seeds, an ecology of knowledge and socio-territorial practices is engendered, enabling communities to manage their identities in networks of subjects who seek to build socio-territorial reproduction strategies that are alternative to rural development.

Keywords: Agrobiodiversity; Creole Seeds; Territorialities.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte das reflexões e escrita da Tese - Sementes Crioulas “Um Sopro de Vida”: semeando territórios da agrobiodiversidade, partilhando saberes, narrando histórias, em três comunidades rurais tradicionais do Paraná, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia, Curso de Doutorado em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no ano de 2022, que teve como objetivos compreender o uso e cultivo das sementes crioulas na agricultura tradicional através das memórias e práticas do “saber fazer”, identificando junto aos agricultores das comunidades as sementes cultiváveis (milho, feijão, arroz, amendoim, plantas frutíferas, hortaliças e medicinais) e os fatores que influenciam as decisões dos agricultores, quanto ao uso de sementes crioulas.

A manutenção e a (re)produção das sementes crioulas, tem em sua origem, os saberes e conhecimentos acumulados, de práticas, apreendidas e transmitidas através das gerações familiares. Os guardiões de sementes trazem para a atualidade, particularidades

¹ Graduanda de Licenciatura em Geografia, UEPGF/PR. Professora SEED/PR. Mestre em História (UNICENTRO/Irati/PR); Doutora em Geografia (UEPG/Ponta Grossa/PR). cleusibobatost@gmail.com



em sua forma de fazer agricultura, um saber acumulado tradicional de como guardar e reproduzir essas sementes crioulas, práticas sócio culturais e valores de seus antepassados, conservados através das gerações. A organização e as estratégias de trabalho dos agricultores tradicionais em defesa das sementes crioulas constituem seu território e suas territorialidades.

Utilizamos para estudar o espaço geográfico, o recorte da região administrativa das comunidades de Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima, Palmital dos Pretos, localizadas na região dos Campos Gerais do Paraná, e Faxinal dos Galvão na cidade de Imbituva, Região Centro-Sul do Paraná, onde estão alguns sujeitos guardiões de sementes que detêm práticas e sabedorias tradicionais.

As práticas e saberes dos agricultores tradicionais, sejam eles faxinalenses ou quilombolas, estabelecem uma região geográfica que extrapola seu lugar, fazendo com que outras comunidades, instituições, enxerguem esta região como um espaço geográfico distinto, com identidade de comunidade tradicional, com suas territorialidades específicas, mas que se integram ao todo regional. A partir dessa integração entre as comunidades, troca de sementes, verifica-se a formação de novas práticas constituintes de uma formação sociocultural, que dão unidade em meio à diversidade regional

2 SEMENTES CRIOLAS E SEUS GUARDIÕES

Comunidade Tradicional (rural) consiste na união entre culturas (material e imaterial), estabelecendo-se, principalmente pelo uso da terra, produção em relação com a natureza. Assim, a dimensão simbólica é extremamente rica nos contextos das vivências e práticas das comunidades tradicionais, pois a relação ser humano-ambiente passa por importantes reconhecimentos subjetivos e objetivos, influenciando as construções dos seus significados, bem como as representações sociais dessas comunidades. (GUIMARÃES, 2012).

Quando nos reportamos as comunidades tradicionais, nos referimos as tradições e territorialidades historicamente constituídas, que estão contemplados na Política Nacional de desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), pela publicação do Decreto Federal n. 6.040/2007 (BRASIL, 2007), que conceitua comunidade tradicional em seu artigo 3º., incisos I, II e III². Nesta conceitualização as Comunidades Tradicionais possuem formas próprias de organização, socialização, práticas naturais de agricultura, uso equilibrado dos recursos naturais, práticas geradas pela tradição, entre elas o uso e reprodução das sementes crioulas.

As sementes na agricultura tradicional, são todas as sementes relacionadas guardadas por gerações para o plantio, reproduções de grãos, plantas, que simbolizam a tradição, costume e práticas de alguns sujeitos das comunidades. Igualmente, quando tratamos de espécies manejadas na agricultura, e suas variedades guardadas entre cinco (5) a dez (10) anos, algumas bem mais, as caracterizamos como “crioulas” ou “sementes crioulas”. “Crioula” é o termo usado para designar as sementes de uma determinada espécie que se desenvolveu por várias gerações em uma localidade, apresentando boa adaptação às condições locais e uma uniformidade em suas principais características. Quando esta variedade está imersa nas dinâmicas da vida dos agricultores, costumes, crenças, práticas,

² I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição; II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os [arts. 231 da Constituição](#) e [68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias](#) e demais regulamentações; III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.



conhecimentos, e quando são selecionadas progressivamente pelos agricultores (guardiões), por meio de seus conhecimentos e práticas tradicionais.

Guardiões de sementes crioulas ou variedades de plantas cultivadas e conhecimento é porque trabalham com a agrobiodiversidade e/ou agrofloresta. São agricultores que possuem sementes crioulas de diferentes espécies e variedades e que as multiplicam através do tempo. Alguns agricultores familiares são guardiões de sementes, pois em sua simplicidade, conhecimento e sensibilidade acabam desenvolvendo práticas e guarda de sementes através das gerações (pais e avós). São os responsáveis por guardar um patrimônio genético importantíssimo para a humanidade, por meio de variabilidades crioulas, e de técnicas empíricas de cunho sociocultural, mesmo com o avanço da agricultura moderna.

Ser um guardião de semente está ligado a tradição, que respeita um simbolismo familiar, uma relação de comunidade, uma relação com a produção de alimentos para sua sustentabilidade. Não tem o sentido de proprietário da semente, ele é apenas seu guardador e tem a finalidade de reproduzir essa semente, para que ela não se perca com o tempo em sua originalidade e variedades. Esse guardião não tem o objetivo de gerar o lucro pela venda da semente, mas sim de preservá-la e ter sempre a sua origem não contaminada pelos transgênicos e ser transformada pela alta tecnologia. São pessoas com experiência, que têm o conhecimento das técnicas de cultivo, do solo, época de plantio, instrumentos, ou seja, conservam as práticas e os saberes das comunidades e procuram transferir este conhecimento de forma gratuita, incentivando inclusive a troca de sementes para a melhoria da qualidade e biodiversidade.

Os Guardiões muitas vezes guardam suas sementes em um banco de sementes. É uma tradição que ajuda a preservar a memória e a identidade local, contribuindo para fortalecer a soberania alimentar. O aprendizado para a montagem de bancos de sementes e casa de sementes³ vem por meio de intercâmbios e trocas de saberes com outros agricultores, no diálogo com as redes de sementes do Estado do Paraná e do Brasil.

Guardar sementes na região dos Campos Gerais e Centro Sul do Paraná, é guardar a semente para preparar a terra, adubá-la e reproduzir. É distribuir a semente, trocar, partilhar, para não perder a variabilidade. É sistematizar, repassar sabedorias, conhecimentos acumulados ao longo do tempo, tornando as trocas entre os guardiões, mais resilientes às mudanças climáticas, sociais e políticas.

2.1 A TERRITORIALIDADE DAS SEMENTES

Para esta reflexão sobre o tema das sementes crioulas e seus saberes, o aporte teórico geográfico apoiou-se nas pesquisas de Claude Raffestin (1993/2009), Marcos Aurélio Saquet (2006, 2007, 2009, 2011, 2013) e Rogério Haesbaert (2004, 2007, 2009, 2014, 2019), em torno da categoria de território e territorialidade, em suas múltiplas dimensões (política, econômica, simbólico cultural, etc.).

Em virtude da complexidade que envolve os estudos territoriais, a intenção não é responder o que é território ou o que é territorialidade no tema das sementes crioulas, mas que aspectos da categoria de território e territorialidade podemos utilizar de acordo com Haesbaert (2009), e Saquet (2007), para nos fundamentarmos em favor de uma *geografia histórico-crítica*, como uma construção social. Território, segundo Haesbaert (2009), expressa, via relações de poder espacializadas, práticas sociais efetivamente produzidas.

Para esses autores, território é visto sob a perspectiva de categoria de análise à categoria de prática num olhar integrador, ou seja, o território é visto por meio do próprio senso comum dos saberes que os diferentes grupos culturais produzem. O território não é apenas funcional, mas ele também é “expressivo” – expressa-se uma identidade que

³ As Casas de Sementes são espaços físicos (lugares) criados muitas vezes dentro da própria casa do agricultor, ou num espaço em separado, para guardar as diversas variedades e quantidades de sementes. Elas são arrumadas e armazenadas neste espaço com a finalidade de guardar as variabilidades e plantio na próxima colheita, ou mesmo a troca com os outros agricultores.



empodera, através da construção ou delimitação territorial. Mas o território não é uma categoria estanque, isolada, ele dialoga intimamente com outros conceitos para atender a complexidade com que o espaço geográfico é produzido. No entanto, o território expressa, via relações de poder espacializadas, práticas sociais efetivamente produzidas. (HAESBAERT, 2019). Não se trata de um território em sentido absoluto, independente, separável das demais dimensões do social, mas sim como esse poder territorial é praticado. O território não é somente feições físicas, materiais, ele envolve um espaço culturalmente heterogêneo, múltiplo, na sua diversidade, como os espaços faxinalenses, quilombolas e caiçaras no Paraná⁴.

O território dessas comunidades tradicionais é (i)material, porém nem sempre reconhecido oficialmente, a concepção que queremos destacar é relativa a um território em forma de territorialidade, onde as sementes crioulas, significam o “aconchego, abrigo, identidade, sobrevivência e muito mais” nos territórios vividos, que garante a sobrevivência mínima dos indivíduos ou grupos sociais “periféricos” ou “tradicionais”.

O território é muito mais do que um espaço funcional e envolvido na reprodução socioeconômica de uma classe ou grupo social, ele envolve todo um modo de vida, práticas, que estão na relação com o “meio”, com a “natureza”, ao mesmo tempo que significa, recurso, abrigo, materialidade e simbolismo. (HAESBAERT, 2019). Esse território é também um espaço que envolve a interação entre a sociedade e a natureza. É uma dimensão natural do espaço, onde as forças da natureza determinam as condições de sobrevivência dos seres humanos. Segundo Ruy Moreira⁵ (2022), há uma relação natural entre o homem e a natureza, o “ser/estar da natureza e do homem”, um arranjo natural, relação de coopertencimento, natureza e homem vivendo reciprocamente. O homem como um ser da natureza, que a transforma em meio, mas não deixa de ser natural, é um movimento de ressignificação.

O território nas comunidades faxinalenses, quilombolas, não contempla apenas a dimensão das fronteiras, precisa ser visto como algo que identifica sujeitos e ações de um mesmo espaço. Os sujeitos destas comunidades, não estão na mesma fronteira política, mas se organizam num espaço com suas novas relações sociais, econômicas e culturais, produzem seus próprios símbolos. Buscam uma nova integração ao espaço com suas práticas, saberes e sementes crioulas, dando a esse espaço um novo significado. Assim eles evidenciam uma re-territorialização, através da permanência de práticas, da guarda de sementes, da identidade faxinalense, quilombola, das suas origens, do ressignificado dado ao seu novo espaço. Território das sementes crioulas, que simbolizam a existência, ciclos de vida, de plantio, de colheita, mas também territórios de lutas pelo ser, pela garantia de existência desses guardiões das sementes e comunidades tradicionais, enquanto grupos culturalmente distintos, em meios geográficos também específicos.

Para Saquet (2007), o território significa natureza e sociedade, economia, política e cultura; identidades e representações; apropriação, dominação e controle. O território é “produto e condição de ações históricas e multiescalares, com desigualdades, diferenças, ritmos e identidade(s). Os guardiões de sementes produzem território e territorialidades, porque são resultado de relações econômicas, políticas e culturais compreendidas interna e externamente a cada lugar, consolidando relações de influência, efetivas, simbólicas, conflitos e identidades.

A (re)existência das sementes crioulas e seus guardiões, significa luta em favor da cultura e identidade dos sujeitos, dos seus anseios, necessidades, sejam eles faxinalenses, quilombolas, agricultores rurais. É a resistência de vínculos que se estabelece entre os moradores das comunidades, através das trocas de sementes, conhecimentos, práticas,

⁴ Relação com a concepção “global” de lugar de Doreen Massey (1991), onde a especificidade dos lugares, sob a globalização, se definem pela forma “única” da combinação de elementos ou processos. Estes também podem se reproduzir em vários outros lugares do mundo, porém, se combinam de forma própria em cada lugar – um “lugar-rede”, sem fronteiras claramente delimitadas.

⁵ Aula Inaugural do PPGG, no dia 11 de março de 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=OErIxcPASW4>



centrados na mobilização, luta por terra e territórios, por reconhecimento sóciopolítico de seus direitos e de sua soberania alimentar.

2.2 ENTRE ROÇAS E SEMENTES: andanças pelas territorialidades

As reflexões sobre o território e o silêncio, são pouco trabalhadas na Geografia, como nos afirma Fraga (2017), por fazerem parte das subjetividades, das ações dos sujeitos (camponeses/caboclos) das suas resiliências e resistências, frente à uma memória homogeneizante, oficial e dominante. Esses territórios/territorialidades são esquecidos, enterrados, mal contados, banidos, mas que mesmo assim *“teimam em permanecer sob formas vivas: afloram mediante os cotidianos resgates de contações, relatos, narrativas”*. As cotidianidades, práticas, saberes, conhecimentos, produzem territórios nas comunidades tradicionais, com os espaços físicos. Assim, de acordo com Saquet (2007), a produção do território é tanto uma ação material quanto imaterial.

A modernização capitalista que busca favorecer os grupos hegemônicos, busca encobrir as histórias, conflitos sociais e apropriações das territorialidades em comunidades tradicionais, pois estas representam as práticas produtivas de grupos muitas vezes marginalizados ou excluídos da sociedade, como indígenas, quilombolas, faxinalenses, caçara, cipozeiros, benzedeiros, entre outros. As memórias destes grupos não representam as memórias dos grupos hegemônicos capitalistas, elas são esquecidas, abstraídas, como se não fizessem parte da história da sociedade.

As práticas com sementes crioulas, suas formas de plantio, reprodução, estão relacionadas com saberes e conhecimentos passados entre gerações de camponeses, portanto, não podem ser soterradas, são memórias coletivas de grupos, das formas de agir, pensar e praticar de homens, mulheres, com a natureza, com a terra. Eles estabelecem seus territórios, fronteiras, em seus movimentos de (re) territorialização da economia, política, cultura, da vida, dos símbolos materiais/imateriais.

Ao plantar, reproduzir e trocar as sementes crioulas, o camponês, se apropria do espaço, estabelece redes, mas é obrigado a se inserir no campo de batalha das forças do tempo, e através, das continuidades e descontinuidades conquista seus territórios, para se (re)inventar na produção agroecológica. Mas é no passado que ele vai buscar suas referências, saberes, vivências, apropriações socioespaciais, para dar sentido e significado as suas territorialidades do presente. Raffestin (2009, p. 31), escreve: “Na produção territorial sempre tem um ponto de partida que nunca é ileso das ações do passado. O processo territorial desenvolve-se no tempo, partindo sempre de uma forma precedente, de outro estado de natureza ou de outro tipo de território”.

São as sementes crioulas, as práticas reinventadas, as lutas para seu reconhecimento como guardiões de sementes, que ocorrem nas comunidades tradicionais, os elementos para as representações e símbolos de atuação nas lutas territoriais do presente. A memória, portanto, pode ser considerada fundamental na conquista do território. A memória é uma “força de identidade”, fortalece a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo (CANDAU, 2011). Essa identidade enquanto camponeses que guardam as sementes crioulas que os caracteriza, também, como comunidades tradicionais.

Queremos destacar, que a geo-história e identidade que aqui nos propomos a entender no âmbito das comunidades tradicionais e dos guardiões de sementes, são as histórias construídas nas memórias, experiência, vivências das pessoas, grupos, associações, sindicatos, como nos escrevem Halbwachs (1990) e Bosi (1987). Muitas memórias coletivas e identidades dos quilombolas, faxinalenses são silenciadas, marginalizadas, deixadas ao esquecimento, para serem substituídas pelas memórias “oficialmente dominantes” da sociedade capitalista moderna, onde o jogo de interesses é das grandes empresas de produção de sementes transgênicas.

A conservação das variedades de sementes crioulas fazem parte da agrobiodiversidade. É a partir da agrobiodiversidade, que consideramos agroecossistema como um ecossistema modificado pelas práticas humanas, por meio do conhecimento,



organização social e dos valores culturais, sendo um produto da co-evolução entre as sociedades humanas e a natureza (CASADO; SEVILLA-GUZMÁN; MOLINA; 2000).

O manejo da agrobiodiversidade, simultâneo a processos naturais, como a mutação genética, é que possibilita a evolução das variedades locais. (BOEF, 2007). São os sistemas locais, no Brasil e América Latina, segundo a FAO, essenciais para a sobrevivência da agricultura em comunidades camponesas tradicionais, uma vez que são eles que fornecem grande parte das sementes, em torno de 75%, utilizadas pelos agricultores (SANTILLI, 2009).

São os agricultores locais os responsáveis pela manutenção da agrobiodiversidade, sua diversidade histórica e cultural. É a ação do homem que constrói a agrobiodiversidade, nas dimensões sociais e culturais (práticas de manejo, cultivo, tradições, costumes). São suas memórias bioculturais, suas práticas cotidianas com sementes crioulas que mantém a agrobiodiversidade nas comunidades tradicionais.

A agrobiodiversidade faz parte da Biodiversidade, ela é uma “semente”, um complemento, um fragmento da conservação da biodiversidade, através dos ecossistemas agrícolas onde podem ser mistas, com espécies e variedades cultivadas, plantas medicinais, animais para criação. Nestes ecossistemas agrícolas, é necessário adequar a espécie cultivada para cada tipo de solo e através das práticas de manejo adaptar o conhecimento sociocultural local com as diversidades de cada comunidade tradicional.

A guarda e preservação das sementes pelos agricultores não pode estar relacionada ao atraso, as práticas antigas, em contraposição ao que é moderno tecnologicamente, mas a resistência dos agricultores pela manutenção do modelo de agricultura tradicional. No entanto, a opção pela manutenção de suas sementes crioulas, significa que esses agricultores têm preocupação com sua soberania alimentar, seus rendimentos financeiros e até mesmo com seus lucros comerciais, essas são técnicas e tecnologias contra hegemônicas.

Portanto, nesta concepção o agricultor camponês atual, estando em comunidades tradicionais, se preocupa com o meio ambiente e o desenvolvimento social. Desenvolvendo uma agricultura comercial capitalista, ele traz uma proposta de preservação de matas nativas, de glebas agroecológicas em sua propriedade, reproduz sementes crioulas, realiza seu trabalho com os membros da própria família, ou com seus “compadres e comadres”, faz trabalho coletivo de troca (mutirão ou puxirão, como nos faxinais), e ainda participa de associações sociais para defender seus interesses.

Utilizando os saberes tradicionais, através da manutenção das sementes crioulas e de práticas de cultivo diferenciadas, os agricultores dos territórios do milho crioulo são exemplos de estratégia de resistência e enfrentamento ao modelo do agronegócio. No Brasil a AS-PTA⁶, defende a identificação dos milhos crioulos, realizando testes de transgenia⁷, para identificação da contaminação de milhos transgênicos. Na Região do Centro-Sul do Paraná destacamos a atuação da AS-PTA, com sede em Palmeira/PR, e do Grupo Coletivo Triunfo⁸, que realiza nas Feiras Agroecológicas e Sementes Crioulas, os

⁶ A AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. A experiência acumulada pela entidade ao longo desses anos permitiu comprovar a contribuição do enfoque agroecológico para o enfrentamento dos grandes desafios da sustentabilidade agrícola pelas famílias agricultoras.

⁷ Transgênico é sinônimo para a expressão "Organismo Geneticamente Modificado" (OGM). Milho transgênico é aquele que teve seu material genético modificado, pois recebeu DNAs de um ou mais seres que não se cruzariam de formas naturais. No Brasil o plantio de transgênico foi liberado com fragilidades nos sistemas de biossegurança e sem medidas eficazes para evitar a contaminação por agrotóxicos, que promovem um rastro de contaminação do meio ambiente – solo, terra, ar, animais e seres humanos (AS-PTA).

⁸ Composto por representantes de 15 entidades: Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São João do Triunfo, de São Mateus do Sul, de Teixeira Soares, de Rebouças, e de Rio Azul, Fetraf-PR, LAMA-UEPG, as cooperativas como COFAECO, COMDAF, COAFTRIL E CAFPAL, Grupo de Mulheres e Associação da Invernada de Rio Azul, Projeto de Diversificação da AS-PTA, Escola de Bela Vista do Toldo-SC, Prefeitura de Rebouças, Casa de Sementes de Fernandes Pinheiro.



testes de transgenia, com total eficiência, preservando assim, as sementes do milho livre de transgênicos.

A conservação das sementes crioulas do milho permite a manutenção de sua variabilidade genética. Se ocorrer a extinção do milho crioulo, coloca-se em risco também a agrobiodiversidade. Na comunidade de Sete Saltos de Cima, nas propriedades de Antônio Ostrufk e Benjamim Marques Vieira, essas técnicas tradicionais são mantidas, para não haver o cruzamento entre as variedades. Segundo Antônio: *“A gente está plantando para manter a variedade, cuidando das variedades, produzindo pro gasto, e aí fazemos as trocas”*.

Através das sementes crioulas e sua reprodução nas comunidades tradicionais da pesquisa é que se identificou a produção agroecológica e a conservação da agrobiodiversidade. Essas comunidades estão em processo de transição para a produção totalmente agroecológica. Estão procurando adquirir e manter números significativos de variedades locais, que irão contribuir para a soberania genética destes agricultores camponeses. São estes agricultores que selecionam, melhoram suas sementes de maneira integrada para atender as diferentes finalidades. Fermina Rodrigues (75 anos), da comunidade quilombola Palmital dos Pretos, recebeu três sementes de amendoim preto crioulo. *“Na primeira vez que prantei este amendoim, com 3 sementes, colhi 3 litro dele”*. E assim ela conserva a variedade até os dias atuais, há cerca de 30 anos.

Na narrativa de Tereza Bittencourt (54 anos), *“[...] minha mãe plantava arroz, feijão, mandioca, abacaxi, tudo se plantava. Só que eles plantavam lá do outro lado do rio, né. E meus avós que plantavam lá na praia, eles eram tipo meio cigano, porque eles procuravam a terra que era melhor. Uma terra que dava esse ano, no outro não dava, descansava [...]”*.

A preocupação com a conservação e adaptação do solo já era percebida pelos avôs e pais. E a prática de fazer a farinha e o biju da mandioca continua perpetuando até os dias atuais nesta comunidade. Essa prática tradicional foi perpassada por três gerações da mesma forma e utilizando-se os mesmo instrumentos e máquinas. Na narrativa de Tereza:

Ralava a mandioca, colocava na prensa de onde saía à água e a goma. Colocava essa farinha no tipiti, e depois de enxugá ela, colocava para torrar no tacho, no forno. Não podia parar de mexer para fazer o biju. No tacho que torrava fazia o Bijú grande que era cortado e enrolado, depois mostro no desenho [...]. Tinha também outras derivações como o de fubá com erva-doce. O Bijú de Gato era feito com a goma, farinha de mandioca, sal, coco ralado, que nós ralava. Este colocava torrar na folha de bananeira.[...]Para plantar o aipim, cortava enfiada, abria uma cova, que nem índio, descalços e cobria com o pé a cova, com a rama do aipim.

Conceição Vieira Ramos Constant (65 anos) relata a sensibilidade que seu pai, agricultor, tinha com a natureza, e com a agrobiodiversidade, pois cultivava o abacaxi e nas entrelinhas plantava milho, feijão e mandioca. Essa prática já se caracteriza como prática agroecológica tradicional. Saberes e manejos relacionados ao ecossistema da região.

“[...] ele era lavrador, plantava roça. Lembro que meu pai dizia assim, hoje com meu compadre vamos procurar uma roça, uma coivara. Daí eles saíam, chegava lá e eles viam o lugar que tinha mais sarrapilheira, num lugar que o sol fosse mais alto [...]a sarrapilheira, hoje é esse substrato da terra, essas folha seca que vai caindo, abacaxi, 2.000 a 20.000 pés de abacaxi. [...] Esperava dois anos. [...] No meio plantava mandioca, milho, feijão, tudo com semente crioula. O milho pegavam a espiga mais bonita e guardavam sempre em garrafa, vidro. O feijão nós debulhava e deixava na palha. Ele sabia uma época lá, que não Sempre em lugar enxuto [...] meu pai sempre tinha semente, era semente de pepino, tomate, pimenta ele guardava, ele nunca perdia uma semente, nós tinha semente de pimenta de todo tipo, mas foi se perdendo tudo[...]. A época de plantar a mandioca era agosto e setembro, mês já da brotação⁹.

⁹ Áudio Conceição Vieira Ramos Constant, Comunidade Guaraguaçu. Entrevista concedida a Cleusi. T. Bobato Stadler, no Dia 02/08/2018. Fala número 34 dos áudios de gravação.



Em Faxinal Sete Saltos de Cima com Maria¹⁰, quando nos relata como se fazia a farinha de mandioca e de milho também. Ela denomina de farinha e polvilho do monjolo.

Maria: [...] puis rala a mandioca, daí lava e cõa num pano, saco, um saco de algodão, e daí põe, pode ser uma vasilha, não vô dizê o que é, numa vasilha pra ele assentá o porvilho, daí ele fica escorrido, daí depois esgota a água e daí enxuga o porvilho numa toalha em cima de uma mesa. [...] fazê bolo. [...] com a farinha de milho, o virado é a comida mais que a gente come, virado de feijão, né. É o de mais fácil, é de manhã, ou às vezes chega uma visita fora de hora, a gente não dá tempo de cozinhá o arroz, às vezes tá com fome é o viradão com ovo, este é o mais simples de fazer.

Nesta diversidade de saberes, também identificamos a igualdade de práticas com relação à produção do milho e como fazer a farinha nas comunidades. Podem diferenciar os nomes, como fábrica de farinha ou monjolo de farinha, mas as práticas dos agricultores (as) são as mesmas. E a forma de alimentação também. As comunidades faziam o bijú, de forma maior ou menor, e também misturavam esta farinha ao feijão, originando o virado, mais específico ainda entre os faxinalenses e quilombolas.

O conhecimento se adquire por meio de capacitação, profissionalização, estudos, e a sabedoria vem da experiência pessoal e dos conhecimentos empíricos, através da experiência cotidiana e da forma de ver e viver as coisas, o cotidiano. É essa sabedoria que identificamos nos saberes desses agricultores e agricultoras que trabalham com as sementes. Como as práticas com as sementes os identificam enquanto agricultores, camponeses, caboclos. E o que percebemos é que são essas práticas e suas sementes que os mantêm enquanto atores de comunidades tradicionais, que os identifica enquanto guardiões de sementes, que faz plantar, cultivar e cuidar da terra e do meio ambiente.

Para sua subsistência e aumentar seus rendimentos ele procura diversificar sua produção, produzindo excedentes para a comercialização, mas desta forma também está produzindo a diversidade da agrobiodiversidade, pois mantém sua semente crioula e todos os anos reproduzem. Desta forma, sua intuição, emoções, valores éticos, culturais estão imbuídos na forma de ver as coisas, de compreender o mundo, pois natureza e cultura fazem parte do mesmo mundo.

Entre os agricultores que praticam a agrobiodiversidade, a sabedoria que possuem está manifestada em suas práticas repetidas por gerações, pelos seus pais e avós, que vêm se perpetuando até a atualidade. É esta sabedoria cognitiva que os identifica enquanto atores de um conhecimento tradicional. Esses conhecimentos tradicionais se (re) significam através das práticas da cultura material e das crenças, onde essa cultura consegue realizar sua produção e reprodução simbólica, fazendo parte das sabedorias que se estendem socialmente no tempo e no espaço (BARRERA; BASSOLS; TOLEDO; 2015).

A agrobiodiversidade vem dos agricultores pela conservação das sementes crioulas como prática social, constituindo-se a premissa de que a *territorialidade tradicional dá origem a uma rede de sujeitos*. Essa rede estabelece uma intensidade de relações sociais na convivência familiar, vizinhança, feiras de sementes, associações, fazendo com que os guardiões de sementes, como atores sociais de suas comunidades tradicionais, estabeleçam interações individuais ou coletivas, que se transportam das comunidades locais para redes políticas regionais, articulando-se, finalmente com as redes de movimentos populares em luta pela defesa das sementes agroecológicas no Paraná e Brasil.

A relação da agrobiodiversidade com as sabedorias e conhecimentos dos agricultores camponeses, que está mediada entre as relações de afetividade, confiança, com aqueles que guardam as sementes crioulas e as reproduzem em suas práticas cotidianas, como forma de resistência aos conhecimentos tradicionais. Assim a conservação das sementes crioulas torna-se uma prática social entre os agricultores camponeses das comunidades tradicionais.

¹⁰ Áudio Maria Maia, esposa de Antônio Tiburcio Maia, Faxinal Sete Saltos de Baixo. Entrevista concedida a Cleusi. T. Bobato Stadler, no Dia 12/05/2018.



2.3 A SEMENTE CRIOLA: A SEMENTE DOS ANTEPASSADOS

A semente é carregada de verdadeiros patrimônios genéticos e culturais. Na história ela tem o significado de memória, de perpetuação da família, da alimentação e cultura de um povo. A cada semente plantada deixamos no chão a nossa história. A semente traz consigo o significado de vida, o valor da sobrevivência, da resistência, da continuidade, da perpetuação. A semente traz com ela uma inter-relação das crenças, os conhecimentos e práticas. Vem da natureza, da crença dos indígenas e comunidades tradicionais de perpetuação da vida, da origem da biodiversidade, mais é associada aos conhecimentos, as sabedorias tradicionais dos anciãos, das experiências que os indivíduos têm do mundo, dos significados, valores, saberes, de acordo com o contexto social e cultural onde se desenvolvem.

A percepção de mundo, quase sempre está ligada ao mundo mítico e sobrenatural (fases da lua), relação com a natureza, que se torna sagrada e secular. Os seres humanos são parte da natureza e, compartilham sua existência com outros seres não humanos. O homem não está separado da natureza, da mesma forma que os seres não humanos também não estão separados da cultura do homem, assim surgem os saberes e as práticas tradicionais com relação a esta natureza. Nos saberes sobre as sementes, a realidade se constrói pela experiência e necessidades locais, sempre em constante transformação, de acordo com as dinâmicas ecológicas.

Para os grupos indígenas a semente é um bem comum, está em relação com a floresta, mata e humanos. A agricultura de “corte e queima”, a *coivara*, é uma das mais antigas intervenções humanas no meio ambiente. As áreas derrubadas, queimadas e cultivadas são abandonadas após alguns anos, e nestas áreas que ficam em repouso, a cobertura florestal se regenera com a sucessão ecológica. Nessa relação nos deparamos com as roças, pois sua abertura e preparação mobiliza uma série de relações. A roça mobiliza o trabalho coletivo, entre homens, mulheres e jovens. Até entre os não-humanos, as plantas e sementes, existe um processo de aparentamento: as plantas e sementes são cultivadas enquanto parentes (ex: milho e pipocas; variedades diferentes de feijões, batata inglesa e batata salsa, etc). As plantas e sementes são plantadas e cultivadas em espaços abertos, dinâmicos, coletivos, as roças, com um grande número de relações entre os homens e outras plantas, animais e seres naturais.

Nessa complexidade das relações estabelecidas está a agrobiodiversidade, presente nas fases de abertura e preparação das roças, com destaque para o campo subjetivo e individual que envolve cada roça. Os faxinalenses, quilombolas, fazem sua roça de maneiras diferentes, mas com características e aspectos semelhantes entre eles. Algumas práticas e concepções aparecem com certa durabilidade, como por exemplo, à organização sócio-temporal do plantio e à divisão do trabalho por gênero, mas isto não quer dizer que são regras prescritas determinantes. Cada agricultor ou comunidade planta como aprendeu plantar com seus pais e avós. Está na memória/prática de cada família. Em suas narrativas, os entrevistados dizem: *“Eu aprendi com meus pais e avós. Eles plantavam assim”*. (Cacilda, Conceição, Maria Tereza, Antônio).

Algumas práticas demonstram essa relação cultural de alguns agricultores na comunidade quilombola Palmital dos Pretos. De acordo com a narrativa de Domingas¹¹ (93 anos), o cultivo dos alimentos realizado pelos seus pais, por exemplo, acontecia nas roças de toco, *“com roça de queimar na capoeira, no toco, milho e feijão juntos. O feijão colhia antes, pelo pai, mãe e irmãos [...], o arroz também era plantado*. Elenita¹² (57 anos), em sua narrativa também fala das roças de toco. Conta que morava com seus pais no “bracatingá”, terreno que era da avó paterna. A casa era bem nos fundos, perto da nascente de água.

¹¹ Narrativa de Domingas Ferreira da Silva, 93 anos, moradora em Palmital dos Pretos, no dia 16/07/2018, concedida a Cleusi T. B. Stadler, Projeto de Pesquisa de Doutorado em Geografia/UEPG.

¹² Narrativa de Elenita, 57 anos, moradora em Palmital dos Pretos, no dia 16/07/2018, concedida a Cleusi T. B. Stadler, Projeto de Pesquisa de Doutorado em Geografia/UEPG.



“[...] tinha horta comunitária da família. Tinha bastante taquara no caminho, que nós usava pra fazer cerca. Nós fazia roça de milho e feijão, onde tá a capoeira”. A técnica de plantar na roça de toco foi repassada de geração em geração, também presente no Faxinal Sete Saltos de Baixo, praticado pela família de Jesuvina (69 anos). Mas também outras formas de fazer a roça, o plantio da terra, foram e são utilizadas com adubação orgânica e o uso de instrumentos rústicos, como a plantadeira e o arado (serve para lavrar/arar a terra).

As práticas cotidianas de agricultores com suas roças e sementes estão relacionadas a um saber social que é construído nas vivências diárias, que atravessaram gerações, constituindo um sistema de valores e ações práticas com a terra e um sistema simbólico e de identidade com a mesma, a territorialidade estabelecida.

A terra e sementes para os agricultores adquirem uma carga simbólica e identitária, se constituindo, como um bem natural, comum e necessário a manutenção da vida, sendo que sua “doença” (destruição da variabilidade genética) é inconcebível, pois aniquila esse sistema simbólico. Dessa maneira preserva-se uma grande variabilidade de espécies, que muitas vezes são até consideradas parte da família, são patrimônios materiais e imateriais carregados de valor sentimental. Ao passar a terra e as sementes aos filhos, os pais transferem também todo um sistema de valores e práticas intrínsecos. (CASSOL; WIZNIEWSKY, 2015). “As sementes remetem a saberes tradicionais centenários que são ressignificados em função das trocas sociais da atualidade” (CASSOL; WIZNIEWSKY, 2015, p. 252).

Mas, devido à pressão da agricultura capitalista tecnológica, se impõe as sementes transgênicas, industriais, carregadas de insumos químicos, que não se adaptam as condições ambientais e culturais dos agricultores tradicionais, exigindo desses agricultores um sistema tecnológico, cultural, distante da sua realidade. Dessa forma, percebe-se que muitas práticas estão sendo deixadas de lado, como as práticas de guardar as sementes e o uso de instrumentos tradicionais, que são vinculadas as tradições familiares. Pois as sementes industriais não são resistentes, não se reproduzem com qualidade e, portanto, não devem ser guardadas. Contribuindo neste sentido, o Governo Federal, tem aprovado leis e ações que apóiam os interesses das grandes companhias sementeiras, facilitando o comércio das sementes transgênicas e o uso de agrotóxicos. Contudo, exemplos de resistências reaparecem com os “guardiões de sementes” nas comunidades tradicionais, com organizações não-governamentais que procuram manter o valor simbólico e identitário das sementes crioulas.

As primeiras práticas que os identifica enquanto atores de uma mesma territorialidade, é que as plantações, sejam elas, nas roças, nos quintais, se iniciam de acordo com as fases da lua. As fases ideais para o plantio são minguantes e crescentes. De acordo com um dos agricultores entrevistados, Adalberto, *“não se planta de maneira nenhuma na lua nova, pois os grãos caruncham”.* Ainda espera-se passar cinco dias da lua nova, caso contrário os insetos destroem as plantas. Essas explicações acerca do tempo ideal para plantar faz parte da cosmovisão dessa sociedade, a qual atribui conceituação e valores às atividades práticas de acordo com o conhecimento e a relação histórica com a natureza (TUAN, 1983).

Sobre as sementes identificadas e coletadas inicialmente entre os faxinalenses e quilombolas, as comuns entre as duas comunidades foram: milho amarelo, abóbora grande, mandioca, feijão-arroz, feijão preto, hortaliças. O uso de fertilizantes é somente de uréia e calcário, e ainda utilizam instrumentos tradicionais para lidar com a terra (a matraca¹³). Os alimentos são consumidos pela família produtora e em casos de exceder vende-se na cidade mais próxima. As práticas produtivas identificadas são em relação aos cultivos, tratos culturais, distribuição das atividades no ano: plantio, semeadura, adubação, colheita,

¹³ Matraca é um equipamento de uso manual, normalmente usado para o plantio de sementes, como de milho, feijão, em áreas pequenas. É um instrumento para o trabalho na roça. Ele abre as covas na terra, e também tem um compartimento para colocar as sementes. O agricultor bate com a matraca fechada ligeiramente na terra para cavar um pequeno buraco. Depois de afundar no solo abre-se a máquina para que os grãos caiam no solo e assim sucessivamente.



capinas, calendário agrícola; as receitas, hábitos alimentares da família e animais domésticos; sementes crioulas e rede de trocas; sistemas de cultivo.

Nestas comunidades foram identificados 15 guardiões de sementes, entre eles, oito homens e sete mulheres com idade entre 50 e 80 anos. Com todos eles foi encontrado um grande número de sementes de feijão e milho, como principais espécies, mas também abóboras, legumes e temperos, o que está relacionado à estratégia de conservação de recursos genéticos básicos para sua alimentação. Com Cacilda Maia (60 anos), Antônio Pires das Chagas (66 anos), Otacilia Pires das Chagas (62 anos), Antônio Tibúrcio Maia (86 anos), conseguiu-se as sementes: feijão roxo, batata-doce, rama de mandioca, pitanga, feijão branco, milho amarelo, abóbora, pepino, amendoim, arroz.

Uma das práticas semelhantes que nos contam sobre como preparar a roça era a queimada (coivara) que aprenderam com avós e pais. Após a coivara, o preparo da roça se inicia no inverno. O plantio do milho inaugura a semeadura na roça nova, geralmente feita pelos homens. Com as mulheres fica o plantio da batata-doce, do amendoim, mandioca e as hortaliças, plantadas geralmente no quintal perto da casa. O plantio do feijão é na fase da lua minguante ou crescente em setembro, se plantar em outra lua, segundo eles caruncha, enche desses insetos na guarda da semente.

Na Comunidade Palmital dos Pretos identificamos Alceu do Pilar o qual não tem o conhecimento técnico, mas possui o conhecimento empírico das práticas tradicionais, de conviver com o respeito a natureza e saber retirar dela o seu sustento, sem prejudicá-la. Em suas terras adquiridas no quilombo Palmital dos Pretos, plantava, 1 alqueire ou ½ alqueire de feijão, pepino, milho, mandioca, arroz. O Feijão malhava na caixa de vara, sendo sua maior colheita de 12 sacos de feijão. Ele conhece diversas variedades de feijão, milho, abóbora, arroz, mandioca, batata-doce, distinguindo-os através dos nomes populares, tamanho, cor, forma, época de plantio e colheita. Também conhece muitas práticas cotidianas de como transformar o milho em quirera no monjolo, sapeco e soque no monjolo da erva-mate, bem como, malhar o feijão na caixa de vara.

O primeiro plantio é do milho. Ele inaugura a roça que começa em agosto, para colher em janeiro. Depois vem o plantio do feijão, que ocorre em setembro com a colheita também em janeiro ou fevereiro, assim como a mandioca. Essas sementes são a base de sua alimentação. Depois vem a abóbora e as demais que vão estar complementando suas alimentações, alternando entre as épocas de verão e inverno e algumas que produzem o ano todo.

As sementes de milho, assim como de favas e feijão, são plantadas em fileira, em traços verticais, quando são plantadas em sistema de consórcio, porque são consideradas espécies ecologicamente complementares, de acordo com a Embrapa. As variedades de milho nunca são plantadas na mesma roça, pois, *“se ficam próximas, os milhos se cruzam e acabam misturando as variedades”*(Antônio Ostrufk). Com o milho é muito fácil de ocorrer o cruzamento, então deve haver uma distância considerável, entre 400¹⁴ a 500 metros entre os plantios de diferentes variedades, para que sejam conservadas as variabilidades e evite-se perdas genéticas. A batata-doce requer seu espaço próprio assim como o amendoim, separados na roça, pois suas ramas se espalham e não podem interferir no crescimento das outras plantas.

O tempo do plantio é orientado pelas estações do ano, tempo de chuva, e fases da lua. Cada semente tem o tempo certo de plantio. De acordo com a visão dos agricultores tradicionais, a lua crescente bem na metade é o tempo certo de plantar milho, mandioca e banana, onde o crescimento é vertical, ficam bem altos, com espigas, raízes e frutos grandes. Mas na lua cheia, deve-se plantar a batata, abóbora (plantas de rama), para crescerem grandes e redondos.

¹⁴ De acordo com a legislação oficial, a distância estabelecida é de 300m de distância, mas de acordo com as práticas dos agricultores do projeto, é realizado entre 400 e 500m e não ocorre cruzamento. Mas o ideal, de acordo com Hans Rinklin, coordenador da Casa de Sementes de Mandirituba (PR), seria até 1000m, para não haver o cruzamento.



A passagem do sol, lua, estrelas, é guardado de maneira detalhada pelos agricultores tradicionais e relacionado a eventos climáticos, agrônomo, biológico, produtivo e ritualístico. A observação dos astros permite que estes agricultores façam o registro do tempo e dêem origem a calendários astronômicos e agrícolas. O ciclo anual de plantio e cultivo depende da posição dos astros, que dão origem as estações do ano: verão, inverno, outono e primavera. (BARRERA;BASSOLS; TOLEDO, 2015).

A relação de Fermina (75 anos) com sua semente de Feijão Guai é muito grande. Para ela essa semente representa a memória de seu pai, de sua família, como se ela fosse “um parente”. Cuida, planta, colhe, guarda, como se fosse um tesouro, uma das memórias especiais que guarda do pai que plantava a semente no meio do canavial em Iretama no norte do Paraná. A semente veio com ela quando tinha 14 anos, no mês de fevereiro, foi plantada em setembro e colhida em janeiro. E esse ritual de plantio continua até os dias atuais, há 61 anos. Em sua fala destaca: “*Eu tiro a semente todo ano*”. E também refere-se as demais sementes que guarda em potinhos de margarina, ou em papéis enroladas para não misturarem-se. A mandioca, guarda a rama em cima da cobertura do mato, no meio da horta. Em sua simplicidade e carisma, ela não se considera uma guardiã de sementes, na sua percepção identifica-se como uma mantenedora das práticas e das sementes de sua família, como algo pertencente a memória familiar.

O momento da colheita e seleção das sementes, ramas, mudas ou batatas é muito importante para os próximos plantios. Para conservar a mandioca, assim como Fermina, alguns agricultores guardam as ramas em coberturas na roça ou quintal, sempre na sombra, ou as estacas são enterradas inteiras e verticalmente em apenas uma das extremidade na terra. Os feixes de feijão e milho em sua maioria, guardam nos paiol e quando em menor quantidade, guardam em potes ou litros de plásticos bem fechados para não entrar umidade e insetos.

Ao longo do tempo estes agricultores faxinalenses, quilombolas, vêm observando seu espaço, o meio ambiente, a natureza, e de acordo com as transformações, muitos deles estão reinventado sua realidade, construindo assim mecanismos para resgatar as sementes crioulas e muitas práticas de seus antepassados. Dessa forma, muitos estão retornando a práticas agroecológicas, separando variedades de sementes, para que sua produção seja um diferencial na comercialização de seus produtos. São os sistemas locais e tradicionais, informais, manejados e controlados pelos próprios agricultores familiares que na produção, multiplicação, distribuição, melhoramento e conservação produzem suas próprias sementes crioulas, consideradas como parte de um patrimônio genético e cultural de faxinalenses, quilombolas.

Entre os agricultores que conservam suas sementes crioulas, vários critérios são utilizados para dar nome as variedades: cor (feijão branco, vermelho, rosinha, preto, etc.); forma (semelhança com animais, feijão cavalo, feijão zebrinha, feijão de porco, feijão olho de pomba, etc); origem (milho asteca, milho peruano, feijão carioca, etc.). Essas formas de classificação podem variar e ser contextuais (uma mesma variedade pode, por exemplo, apresentar nomes diferentes), fugindo de uma classificação homogêna. Por exemplo, no faxinal e quilombo a fava vermelha é conhecida como feijão grande vermelho, já em Guaraguaçu é conhecida como olho de cabra vermelho. E no Faxinal dos Galvão encontramos a fava preta, que não é muito conhecida nas outras comunidades em estudo.

Constata-se dessa forma, que é a sabedoria, a experiência, o modo sensível como essas comunidades vão classificar suas sementes e plantas que os diferencia em sua memória, sua geo-história, pois eles constroem o território das sementes crioulas, é através delas que se identificam enquanto agricultores que plantam as sementes dos antepassados, a semente nativa, a semente crioula. Essas sementes enquanto variedades locais, muitas vezes não correspondem às espécies e às variabilidades estabelecidas pela classificação científica, mas estão inseridas em complexos sistemas, que têm uma existência própria, um vocabulário, uma classificação de acordo com a sensibilidade, as percepções e conhecimento próprio dos agricultores locais.

As sementes crioulas para os agricultores das comunidades representam a espacialidade em uma temporalidade, é a produção cultural de suas comunidades. As



sementes guardadas e recuperadas representam a materialização dos saberes de gerações (pais, avós, bisavós), o conhecimento de caráter vivo e permanente. É o conhecimento, as práticas transpostas, vividas. São tempos distintos em uma mesma prática cultural e social. São os netos, filhos de agricultores, outros agricultores de outras comunidades em rede, materializando, vivenciando, as práticas de outras gerações que também territorializaram essas mesmas práticas sociais, culturais, econômicas.

Os agricultores que guardam as sementes, produzem um espaço territorializado quando reproduzem essas sementes e suas práticas. É a memória dos agricultores que os situa no tempo, é através dela que eles internalizam valores afetivos, vínculos subjetivos, um sentimento de pertencimento, identidade com as sementes crioulas, pois representam a existência de gerações.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sementes crioulas são obras da própria natureza e também criações individuais e coletivas, experiências geo-históricas construídas, fundamento e produto de culturas e sociedades ao longo do tempo. Elas representam e reproduzem a vida, pois em abundância, asseguram a continuidade das variedades de espécies existentes adaptadas as regiões, garantindo a agrobiodiversidade dos ecossistemas locais e regionais. Também podem ser uma alternativa de sustentabilidade ambiental, social e econômica dos agricultores tradicionais, pois representam suas práticas tradicionais com a terra, seu sustento, suas cotidianidades na culinária, artesanato, enfim, relações sociais e culturais.

As sementes crioulas são atores que se reproduzem, sementes de batatas (tubérculos), sementes de feijão, milho, hortaliças, árvores frutíferas, árvores nativas, ervas medicinais. São consideradas crioulas porque se referem a características como pureza, antiguidade, por estar há gerações com as famílias. Para os guardiões das sementes, conservar a semente crioula se trata de resgatar, reproduzir (práticas de manejo), usar (alimentação), manter a existência (plantar e multiplicar), ressignificar, distribuir (trocas), se organizar (associações). A conservação também é o que eles fazem para manter as variedades e como buscam apoio por meio de projetos (como o Interconexões e Feiras Regionais), como também aquilo que fazem para proteger as características da semente com as técnicas de armazenagem.

A diversidade de sementes tradicionais mantidas pelos guardiões das comunidades amostradas revela o enorme potencial de conservação existente nas comunidades tradicionais do Paraná, principalmente quando um número significativo de práticas agroecológicas e variedade de sementes adaptadas a estes sistemas no Estado estão relacionadas à sua riqueza cultural.

O meio ambiente natural e a semente como patrimônio cultural revela os conhecimentos empíricos dos guardiões, suas experiências, símbolos, percepções, suas práticas de apropriação da natureza e resignificadas em suas comunidades, a reciprocidade com as trocas de sementes, e a conservação destas sementes como prática social coletiva.

Os movimentos sociais em defesa das sementes crioulas, enquanto patrimônio da humanidade é extremamente importante como forma de luta e resistência a dominação da agricultura empresarial intensiva, contra os transgênicos, os agrotóxicos, e as sementes modernas. O trabalho que os guardiões fazem com as sementes crioulas resgata a identidade dos agricultores tradicionais, mantendo as práticas, as tradições culturais. O mapeamento geo-histórico e reconhecimento dos saberes locais são de fundamental importância para que os guardiões de sementes nas comunidades tradicionais não desapareçam, pressionados pelas sementes modernas, carregadas de agrotóxicos e variedades modificadas tecnologicamente.

Encontramos nestas comunidades tradicionais, guardiões de sementes num rural cheio de geograficidades e historicidades, percepções grandiosas de histórias de vida, práticas cotidianas, simplicidades, belezas, mas também com problemas econômicos, sociais, políticos pelos quais passam nosso povo esquecido, os territórios e os silêncios da geografia humana, mas que fazem parte das subjetividades, ações dos sujeitos (humanos e



não-humanos), das memórias de grupos não oficiais, não dominantes, como os quilombolas, faxinalenses, caiçaras, através de suas resiliências e resistências.

As territorialidades, saberes, práticas desses povos esquecidos, enterrados, mal contados, banidos, mas que mesmo assim aparecem sob formas de relatos, memórias dos sujeitos, das sementes, formando uma totalidade multidimensional e multiescalar.

4. REFERÊNCIAS

BOEF, E. S. et al. (Org.). **Biodiversidade e Agricultores**: Fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre: Editora L&PM, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1987.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. 219p.

CASADO, G. G., SEVILLA-GUZMÁN, E., MOLINA, M. G. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

CASSOL, Kelly Perlin; WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores. Saberes Tradicionais e Sementes: o caso da associação das sementes crioulas de Ibirama/RS. **Campo-território: revista de Geografia Agrária**, [s.i.], v. 10, n. 20, p.246-275, jul. 2015.

BRASIL. Decreto Presidencial nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 20/01/2024.

ESCOBAR, A. Territórios de diferencia: la ontologia política de los “derechos al territorio”. **Cuadernos de Antropología Social**. N. 41, 2015.

FRAGA, Nilson César. **Contestado- Redes no Geográfico**. Florianópolis: Insular, 2017. 204p.

GUIMARÃES, S.T.L. Valoração de Paisagens: campos de visibilidades e de significância. In: COSTA, E.B. da; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. do C.. (Org). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. 1.ed. São Paulo (SP): Outras expressões, 2012, v.1, p. 47-59.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S., **Território e territorialidades**: teoria, processos e conflitos. SP: Expressão Popular, 2009.



HAESBAERT, Rogério. O território: De categoria de análise à categoria da prática num olhar latino-americano e integrador. In: DENARDIN, Valdir F. , ALVES, Alan R. **Desenvolvimento Territorial: olhares contemporâneos**. Londrina: Editora Mecenaz, 2019. 158p.

LIMA, Ana Gabriela Morin de et al. **Práticas e Saberes Sobre Agrobiodiversidade: a contribuição de povos tradicionais**. Brasília/DF, IEB Mil Folhas, 2018. 198p.

MASSEY, D. A global sense of place. **Marxism Today**. N. 38, 1991.

POLLAK Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos Aurélio, SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**, São Paulo: Expressão Popular, Unesp, 2009.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo: Peirópolis, 2009. 519p.

SAQUET, Marcos A. Proposições para Estudos Territoriais. **GEOgrafia**. Ano VIII, n. 15, p. 71-85, 2006a.

SAQUET, Marcos A. Campo-território: considerações teórico-metodológicas, **Revista Campo-Território**, n. 1, v. I, Uberlândia, 2006.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

STADLER, Cleusi T. Bobato. **Sementes Crioulas “Um Sopro de Vida”**: semeando territórios da agrobiodiversidade, partilhando saberes, narrando histórias, em três comunidades rurais tradicionais do Paraná. Tese de Doutorado, Ponta Grossa PR, 2022, 319p.

TOLEDO, Victor M. BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Tradução [de] Rosa L. Peralta. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular-AS-PTA, 2015. 272p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.